

A história oral nasceu, pode-se dizer, em função de uma nova tecnologia: o gravador. Afinal, sem esse aparelho, cujas primeiras versões nos parecem hoje tão primitivas, como registrar “fidedignamente” as lembranças das testemunhas do passado? No início, grandes, desajeitados e barulhentos, os gravadores muitas vezes intimidavam os depoentes. Depois, portáteis, por vezes eram esquecidos e as conversas seguiam com mais fluidez. Mas, mesmo assim, as constantes trocas de fitas interrompiam o ritmo das evocações. Apesar desses problemas, o gravador, antes analógico, hoje digital, permitiu garantir certa fixidez aos depoimentos orais e, em consequência, a constituição de arquivos, possibilitando a prática da verificação das fontes, tão cara aos historiadores.

Porém, e aqui apenas repiso um chavão, a tecnologia avançou muito. Hoje, as pesquisas se valem de outras formas de registro, em especial as filmadoras, que também diminuíram de tamanho e permitem a captação de imagens com excelente qualidade, mesmo por parte de não profissionais. Elas possibilitam ir além da voz e registrar a “performance” dos entrevistados – os risos, os choros, as expressões faciais, os gestos – que antes só compareciam no texto, em geral entre parênteses, por meio de registros secos como “choro” ou “aparentando nervosismo”. Da mesma forma, os profissionais que se valem da metodologia da história oral vêm apresentando os resultados de suas investigações não apenas na forma de textos (nosso “porto seguro”), mas também, por exemplo, em DVDs e sites.

Quais as consequências dessas mudanças para a prática da história oral? E para as discussões sobre memória, fundamentais a este campo? E, ainda, para as formas de disponibilização das entrevistas ao público?

Questões como estas são abordadas nos três artigos que compõem o dossiê “História oral, memória e novas tecnologias”, de autoria de Juan Andrés Bresciano, a respeito das transformações da história oral em “contextos digitais”; Alexandre de Sá Avelar, cujo texto apresenta uma reflexão ampla sobre as subjetividades contemporâneas e suas implicações para a escrita biográfica; e Letícia Bauer, que trata do caso específico do “Museu da Pessoa” e sua forma de disponibilizar histórias de vida na internet.

Seguem artigos com temáticas diversificadas, envolvendo memórias de sujeitos variados, como descendentes de escravos (no artigo de Rodrigo de Azevedo Weimer), mulheres trabalhadoras (no texto de Tânia Mara Cruz), um expoente da política nuclear brasileira (na contribuição de Marly Motta) e militantes do movimento de direitos humanos (no artigo de Natalia Casola). Todos exemplificam as potencialidades da história oral para a análise de diversos grupos sociais e processos históricos.

Na continuidade, temos uma entrevista com uma moradora da Ilha das Flores, no Rio de Janeiro, aonde chegavam os imigrantes vindos de outros países, realizada por Juliana Elianay Olimpio de Abreu Pires, Tatiane da Silva Salgueiro e Thiago Rodrigues Nascimento, a qual pode servir de fonte a outras investigações.

A seção *Multimídia* comparece mais uma vez na nossa revista, possibilitada por seu formato digital, outra “nova (ou nem tanto) tecnologia”. Desta vez, contamos com a contribuição das colegas antropólogas Ana Luiza Carvalho Rocha e Cornelia Eckert, e sua equipe do NAVISUAL/UFRGS, com as quais muito podemos aprender, já que este campo disciplinar tem mais tradição no trabalho com imagens em movimento. No vídeo disponibilizado e no texto que o acompanha, propõe-se uma interessante reflexão sobre a trajetória da antropóloga Ruth Cardoso e sua contribuição ao campo da antropologia urbana.

Por fim, mas não menos importante, vêm as resenhas de Isabel Cristina Leite e Larissa Jacheta Riberti de livros de Clara Aldrighi e Alessandro Portelli, respectivamente, as quais nos permitem ficar atualizados com a produção bibliográfica nacional e internacional no nosso campo.

Agradecemos aos autores, aos pareceristas, ao Conselho Editorial e à equipe de revisão e editoração que se esmeraram em manter a qualidade do nosso periódico, e ao CNPq que financiou este número.

A todos, uma boa leitura, uma boa escuta, uma boa visualização e um bom mergulho em novas tecnologias.

Benito Bisso Schmidt (Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS), Editor (pelo Comitê Editorial)